



INTERNATIONAL
PSYCHOANALYTICAL
ASSOCIATION

Psicanálise contra o Preconceito:

O Caso da Orientação Sexual

por Susann Heenen-Wolff

Preparado para Divulgação pelo Comitê sobre o Preconceito (Incluindo Antissemitismo) da International Psychoanalytical Association (Associação Psicanalítica Internacional)¹

Cyril Levitt, Editor

¹ © 2013 Copyright of the original {Psychoanalysis against Prejudice: the Case of Sexual Orientation by Susann Heenen-Wolff. Prepared for Outreach by the Committee on Prejudice (Including Anti-Semitism) of the International Psychoanalytical Association. Cyril Levitt, Editor}, All Rights Reserved. Tradução e publicação autorizadas pela autora, pelo editor e pela IPA. Traduzido para o português por Luiz Henrique Costa Neto^a, Arthur Alencar Bezerra^a, Igor Rodrigues da Silva^a, Laysa Kimberly Garcia Gomes^a, Mariana Marques Lima da Costa^a, Maria Nice Almeida Alencar^a, Mauro Jayme Fernandes Martins^a, Eliane Souto de Abreu^b (a: alunos do curso de Medicina da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e do Gepsis - Grupo de Estudos Psicanalíticos em Psicossomática e Sexualidade; b: Psicanalista Associada Sociedade Psicanalítica de Fortaleza - SPFOR, Profa. Medicina UNIFOR e Coordenadora do Gepsis.

Como citar:

Heenen-Wolff, S.; Levitt, C. **Psicanálise contra o Preconceito: O Caso da Orientação Sexual**. Tradução: Costa Neto, LH ; Bezerra, AA ; Silva, IR.; Gomes, LKG; Costa, MML; Alencar, MNA ; Martins, MJF; [Abreu, ES](#), 2017. (Tradução/Artigo). Disponível em: <https://www.febrapsi.org/wp-content/uploads/2018/08/ipa-e-heenen-wolff-traducao.pdf>

Introdução do Editor:

Este panfleto pertence a uma série de documentos, produzidos por membros do Comitê sobre o Preconceito (Incluindo Antissemitismo) da IPA (Associação Psicanalítica Internacional), como parte de seu compromisso de atuação extramuros. A Psicanálise, antes e acima de tudo, é uma disciplina baseada na clínica que tem muito a oferecer a outros setores da sociedade, além de sua clientela terapêutica e analisandos. Nenhum problema é mais importante para a sociedade em geral que aquele do preconceito hostil e maligno, que tem alimentado guerras, ódio étnico, racial e religioso e agressão desde tempos imemoriais. Como tal, tem contribuído para o deslocamento, tortura e morte de centenas de milhões de pessoas em todo o mundo. Existem profissões fora da psicanálise, as quais, em parte, enfrentam problemas de preconceito em seu trabalho diário que poderiam se beneficiar do entendimento da dinâmica do preconceito e aplicar tal entendimento a seus próprios campos de atuação. Nós incluímos nessas profissões os campos de: ensino e educação, direito e legislação, mediação e arbitragem, trabalho social, policiamento de sociedades democráticas e multiculturais, relações públicas, a mídia, incluindo mídia social e eletrônica, ciência e pesquisa, literatura e as artes, e teologia, entre outras.

Existem quatro panfletos nessa série particular. São intitulados: Resistência e Estratégias contra o Preconceito por Thomas Boehm² (Suécia), Todos nós temos Preconceitos. Mas, Por quê? por Henri Parens (EUA), Nós e Eles: Preconceito Compartilhado por Vamik Volkan (EUA), e Psicanálise contra o Preconceito: O Caso da Orientação Sexual por Susann Heenen-Wolff (Bélgica). Cada um desses textos lida com um aspecto específico do preconceito de acordo com uma perspectiva psicanalítica.

O trabalho de Thomas Boehm examina os mecanismos de cisão e projeção pelos quais aspectos indesejáveis ou intoleráveis do eu são cindidos e projetados em um grupo alvo que suporta a maior parte do ódio direcionado contra os aspectos projetados do eu, em um processo de identificação negativa com eles, na medida em que eles surgem dentro do Outro, o grupo alvo. Baseado nessa abordagem, Boehm desenvolve uma estratégia para o lar, escola, local de trabalho, mídia, comunidade e políticas para lidar com as expressões desse preconceito hostil e maligno.

² Thomas Böhm faleceu em Maio de 2013.

Essa estratégia, decorrente do caráter do preconceito, é desenvolvida nas primeiras páginas do panfleto de Thomas Boehm. A estratégia requer que indivíduos e grupos preconceituosos sejam desafiados a “provar seu caso”, para fornecer evidência para suas acusações e para submeter suas visões a critérios lógicos e empíricos para determinação da verdade.

Henri Parens tem trabalhado por mais de 40 anos com mães, crianças e bebês no que diz respeito às fontes de agressão e preconceito. Seu estudo longitudinal envolveu re-entrevistar os sujeitos originais em intervalos de dez anos. Parens garante que nós todos temos nossos preconceitos, e mais, preconceitos são considerados ambos normais e benignos se eles não intensificarem e gerarem hostilidade, raiva e fúria, as quais se manifestam em abuso verbal ou físico direcionado aos grupos e comunidades alvo. A fonte para geração de preconceitos tanto benignos como hostis/malignos reside nos estágios de desenvolvimento adaptativo na infância precoce. O desamparo do recém-nascido humano requer que ele se vincule a uma unidade protetora, a qual denominamos família. Esse laço, esse primeiro relacionamento amoroso, é reforçado um pouco mais tarde por um estágio de desenvolvimento (adaptação) chamada ansiedade ao estranho (estranhamento), pela qual a criança distingue rostos familiares, tais como aqueles, por exemplo, de sua mãe, pai ou irmão, e aqueles de desconhecidos que incitam medo e ansiedade. O relacionamento amoroso é dessa forma endossado pelas reações negativas para aqueles que não são membros da família. Essa é a origem da xenofobia - o medo de desconhecidos - de acordo com Parens. A sensação de pertencimento a uma família específica, comunidade ou nação é reforçada através do processo de identificação com aqueles "como outros" durante o curso da formação do eu. Mas o processo de transformação de preconceito benigno para hostil e maligno não é um desenvolvimento necessário ou inevitável para Parens. Para que isso aconteça, a criança deve experimentar tamanha malignidade para com outros dentro de sua família, escola, comunidade religiosa ou local ou nação. Construído sobre isso, ou independentemente disso, está o impacto do trauma, guerra ou propaganda ideológica na educação, a mídia de massa, instituições religiosas, partidos políticos etc. Parens mostra, através de seu trabalho com mães e suas crianças, que, ao lidar com agressão e preconceito cedo na vida, essas crianças se saíram muito melhor que seus pares na comunidade em geral, em termos de resultados desejáveis, quando medidos por feitos educacionais, ausência de violência, envolvimento com a lei, realização profissional etc.

O panfleto de Vamik Volkan, *Nós e Eles: Preconceito Compartilhado*, pode ser considerado relacionado ao trabalho de Parens, com foco em identidade e conflito de grandes grupos. Para entender preconceito compartilhado em grandes grupos, devemos começar com identidade compartilhada em grandes grupos. Assim como a criança começa a se identificar com os membros de sua família e a experimentar ansiedade por estranhos, assim o fazem membros de grandes grupos (de dezenas de milhares a milhões) ao desenvolverem uma identidade de grande grupo e uma "estranheza" de grande grupo em relação a um ou mais outros grandes grupos. Ao contrário do desenvolvimento de uma identidade individual que é parte do desenvolvimento adaptativo do eu nascente desde o começo, a identidade de grande grupo desenvolve-se apenas depois, após o período de ansiedade estranha sobre o qual se constrói, ainda que a formação de identidade de grande grupo ocorra dentro e através do desenvolvimento da identidade individual, por meio do que Volkan chama depósito e encontro de reservatórios convenientes de externalização. No depósito, um adulto importante na vida da criança, movido por trauma, conflito psicológico ou desenvolvimento patológico, tenta colocar algo dentro da criança que esta então adapta como parte de seu próprio desenvolvimento da identidade. Como exemplo, Volkan cita o pai que perde um filho e trata o outro como um substituto para ele, vestindo-o com as roupas da criança morta, dando-lhe o mesmo nome, etc. Com relação à formação da identidade de grande grupo, é o trauma coletivo do grande grupo que é então depositado pelos pais e outros membros da família na criança. Às vezes esse depósito inclui a transmissão de marcadores da identidade de grande grupo como batalhas perdidas, opressões religiosas, tentativas de genocídio etc., alguns tendo ocorrido centenas ou mesmo milhares de anos atrás. A incorporação desses marcadores de identidade ajuda a estabelecer a identidade de grande grupo do indivíduo, a qual é então incorporada em sua identidade individual. O encontro de reservatórios adequados para externalização é referenciada nos exemplos dados por Thomas Boehm de cisão das partes inaceitáveis do eu, e de sua projeção para dentro de outros, membros de outros grandes grupos os quais são então vistos como possuidores daquelas partes indesejáveis, e portanto tornando-se os objetos compartilhados, odiados ou atacados por esses motivos.

O panfleto de Susann Heenen-Wolff, *Psicanálise contra o Preconceito: o Caso da Orientação Sexual*, representa um foco diferente dos outros três panfletos na série. Enquanto os outros focaram primariamente sobre preconceito em relação a raça, religião, etnia e origem nacional, seu panfleto enfoca o preconceito em relação a orientação sexual que tem se tornado proeminente ao longo dos últimos trinta anos e revisitado mais recentemente pela psicanálise. Nenhum dos três autores cujos

panfletos foram apresentados nessa introdução sentiu necessidade de refutar as alegações de racistas, xenófobos, instituições extremistas ou representações de outros grandes grupos etc., já que se desenvolveu um grande consenso ocidental de que tais alegações e representações não possuem validade científica ou empírica. Não se sente a necessidade de atacar a teoria racial nazista, por exemplo. O mesmo não pode ser dito, contudo, para o preconceito em relação à orientação sexual, embora progressivamente a base desse preconceito esteja se tornando menos aceitável em países do Ocidente, dado que costumes e leis concernentes ao casamento homoafetivo, à discriminação contra lésbicas e gays e à adoção de crianças por casais de mesmo sexo têm se tornado cada vez mais liberais.

O panfleto de Heenen-Wolf enfatiza o posicionamento freudiano de que toda sexualidade humana é bissexual e de que ninguém é cem por cento psicologicamente masculino ou feminino. A psicologia popular há alguns anos captou essa idéia incentivando os homens a “entrar em contato com seu lado feminino”. Ela também considera essa disposição bissexual em relação ao complexo de Édipo negativo. O Édipo freudiano se tornou fundamental na cultura global pelo menos em sua expressão positiva, de acordo com a qual a criança busca alcançar satisfação erótica com o genitor do sexo oposto, desenvolvendo hostilidade e antagonismo com o genitor do mesmo sexo. Mas Freud também deu expressão ao complexo de Édipo negativo, de acordo com o qual a criança busca o amor do genitor do mesmo sexo, enquanto desenvolve uma tendência agressiva contra o genitor do sexo oposto. Como psicanalistas podem atestar, não há na prática nenhuma análise na qual o Édipo negativo não desempenhe algum papel.

Sobre esse fundo teórico e clínico, Heenen-Wolff levanta uma série de mal entendidos a respeito da homossexualidade que estabeleceram a base do preconceito contra gays e lésbicas. Ela verifica as pesquisas sobre casais homossexuais e seu impacto em seus filhos adotados e meio-biológicos, e mostra que muitos dos preconceitos anteriores não se baseiam em fatos. Ela observa a mudança de entendimento da própria homossexualidade, saindo de um tipo de noção essencialista onde homossexuais são vistos como sendo “cortados de um mesmo pano” para uma compreensão mais matizada das diferenças entre homossexuais e homossexualidades. Ela examina o papel da fantasia em relação à cena primária (fantasias que a criança desenvolve em sua experiência dos encontros sexuais dos pais) e o “romance familiar” (de acordo com o qual a criança fantasia que ele ou ela é de linhagem nobre e que seus pais são dessa forma impostores). Ela apresenta uma visão complexa e cheia de nuances sobre as homossexualidades, dessa forma dissipando muitos dos mitos que sustentam o preconceito popular.

Cada um desses panfletos traz aos profissionais não psicanalistas elementos da vida inconsciente dinâmica dos seres humanos que são ativos na formação de preconceitos hostis e malignos. A esperança do Comitê sobre o Preconceito (incluindo Anti-Semitismo) é de que esses panfletos alcancem muitos leitores entre aqueles nas profissões alvo que lidam com problemas de preconceito como algo constante em suas atividades profissionais diárias.

Cyril Levitt

Chair

Comitê sobre Preconceito (Incluindo Anti-Semitismo)

Associação Psicanalítica Internacional (IPA)

Psicanálise contra o Preconceito

Susann Heenen-Wolff (Bruxelas)

O Caso da Orientação Sexual

Introdução

Pesquisadores constataram que a taxa de suicídio entre a juventude lésbica, gay e bissexual (LGB) é comparativamente mais elevada durante o período no qual eles começam a compreender mais claramente seus desejos sexuais do que entre a população geral. Além disso, adolescentes e jovens adultos LGB têm uma das taxas mais altas de tentativa de suicídio (Waidzunus T. (2012). Young, Gay and Suicidal: Dynamic Nominalism and the Process of Defining a Social Problem with Statistics Science, Technology & Human Values. 37: 99-225.).

Tolerância pode reduzir o risco de suicídio em pessoas gays jovens, pois sabemos que ambos, depressão e uso de drogas, entre pessoas LGB têm demonstrado aumentar significativamente depois que novas leis discriminativas contra a população gay foram aprovadas. O *bullying* de jovens LGB também demonstrou ser um fator contribuinte em muitos suicídios. (Kim, Y.S. & Leventhal, B., 2011. Bullying and suicide. A review, International Journal of Adolescent Medicine and Health. Volume 20, Issue 2, 133-154.).

A maioria dos jovens não heterossexuais (como também adultos) é “invisível” e irá passar pela escola, pela universidade e pelos consultórios médicos sem levantar a questão da orientação sexual espontaneamente. Desse modo, profissionais de saúde devem questionar a respeito da orientação sexual e do comportamento sexual a todos os pacientes adolescentes ou referenciá-los a um colega que possa fazer isso de forma competente. Essas discussões podem normalizar a noção de que existe uma variedade de orientações sexuais. Até mesmo adolescentes que estão bastante seguros a respeito de sua própria heterossexualidade provavelmente terão amigos, parentes, professores que sabem ou suspeitam ser gays ou lésbicas ou que estão passando por dificuldades com questões sobre sua orientação sexual. Ao invés de perguntar às pessoas jovens se elas têm um “namorado” ou “namorada”, profissionais podem perguntar: “Você já teve um relacionamento romântico com um garoto ou uma garota?” Dessa forma, a porta é aberta para comunicação adicional, e estereótipos e estigmatização podem ser quebrados. Isso implica em

que qualquer das opções sejam possíveis e que não é incomum para um adolescente estar inseguro quanto a sua própria orientação sexual. (Frankowski, B. et al., 2004. Clinical Report: Guidance for the Clinician in Rendering Pediatric Care, Sexual Orientation and Adolescents, Pediatrics, Vol. 113, No. 6: 1827-1832.).

Orientação Sexual e o Complexo de Édipo

No passado, psicanalistas têm, sem dúvidas, contribuído para uma imagem negativa da homossexualidade. Muitos deles interpretaram o conceito Freudiano de Complexo de Édipo ao pé da letra: ou seu desfecho era “positivo” ou “negativo” e isso significava “heterossexualidade” e “homossexualidade”, respectivamente: a identificação com o progenitor de mesmo sexo é seguida pela renúncia da posse do progenitor de sexo oposto e era considerada o auge da sexualidade infantil e como pré-requisito para o conseqüente desenvolvimento da heterossexualidade adulta. De um ponto de vista “psicanalítico clássico”, homossexualidade é entendida como sendo o resultado de uma regressão para ou uma fixação em um estágio ou modos de experiência temporal antecedendo a dissolução do Complexo de Édipo e, no fim, como uma falha da rivalidade edipiana, levando a identificação com o progenitor de sexo oposto. Mas o próprio Freud ressaltou em seus últimos trabalhos que as coisas eram muito mais complicadas do que ele pensava inicialmente.

Foi em 1923 que Freud reconsiderou sua primeira concepção do Complexo de Édipo e salientou o potencial para uma orientação bissexual em todos os seres humanos; apenas uma leitura superficial e parcial da teoria do Complexo de Édipo torna possível pensar que é óbvio que jovens rapazes identificam-se com a imagem paterna, enquanto jovens moças identificam-se com a imagem materna, de forma a chegar numa escolha de objeto heterossexual e que, além disso, essa dinâmica é “melhor” que qualquer outro desfecho. No que diz respeito à evolução do conceito do Complexo de Édipo na sua obra, Freud escreve:

“[...] a força relativa das disposições sexuais masculina e feminina é o que determina se o desfecho da situação edipiana deve ser uma identificação com o pai ou com a mãe. Essa é uma das formas na qual a bissexualidade colabora nas vicissitudes subsequentes do Complexo de Édipo. A outra forma é ainda mais importante, pois fica-se com a impressão de que de modo algum o Complexo de Édipo simples é sua forma mais comum, mas representa antes uma simplificação

ou esquematização, que é, sem dúvida, frequentemente justificada para fins práticos. Um estudo mais aprofundado geralmente revela o Complexo de Édipo mais completo, o qual é dúplice, positivo e negativo, e, devido à bissexualidade originalmente apresentada na criança. Ou seja, um garoto não tem meramente uma escolha de objeto ambivalente para com o pai e afetuosa pela mãe, mas ao mesmo tempo também se comporta como uma menina e apresenta uma atitude afetuosa feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade correspondentes em relação à mãe. É esse elemento complicador introduzido pela bissexualidade que torna tão difícil obter uma visão clara dos fatos ligados às escolhas de objeto e identificações primitivas, e ainda mais difícil descrevê-las inteligivelmente. Ainda pode ser que a ambivalência demonstrada nas relações com os pais possa ser atribuída inteiramente à bissexualidade e que ela não se desenvolva, como representei acima, a partir da identificação em consequência de rivalidade” (1923, p. 33).

O complexo de Édipo “completo” consiste no fato que, para além do complexo “positivo” e “negativo”, pode-se notar “uma série de casos mistos em que essas duas formas coexistem num relacionamento dialético” (Laplanche e Pontalis, 1967, p. 80).

Todo o desenvolvimento psicosssexual, para Freud, tem como o seu ponto inicial essa bissexualidade primária. Quais são as razões para uma orientação heterossexual, homossexual, ou bissexual na vida mais madura? Antes de chegarmos às orientações ou tendências heterossexuais ou homossexuais, nós não nos importamos muito sobre o sexo dos nossos cuidadores: o bebê não é sequer consciente acerca da existência de sexos diferentes. Ele pode distinguir rapidamente entre as vozes da sua mãe e de seu pai, mas isso não significa que ele sabe o que é masculino e o que é feminino e o bebê ama ambos. Essa é a razão pela qual o Freud fala de uma *bissexualidade original* para cada ser humano: o ímpeto erótico e amoroso, como as identificações das crianças, ignora a sexualidade dos cuidadores primários: a capacidade bissexual – desejar, amar, conseguir se identificar com ambos os sexos – pertence inteiramente à vida psíquica do sujeito e às forças e vicissitudes moldando a singularidade de uma história específica. A bissexualidade original permanece responsável pelos traços homossexuais na experiência de cada indivíduo.

A bissexualidade de cada humano – a oscilação entre desejos homossexuais e heterossexuais – parecia estrutural para Freud. “É bem conhecido que em todos os períodos existiram [...] pessoas que podem ter, como seus objetos sexuais, membros do seu próprio sexo assim como do sexo oposto, sem que uma inclinação

interfira na outra. Chamamos essas pessoas de bissexuais e aceitamos a sua existência sem nos sentirmos muito surpresos com isso. Entretanto, chegamos ao conhecimento de que todo ser humano é bissexual e que sua libido é distribuída, quer de modo manifesto ou latente, entre objetos de ambos os sexos” (ibid., p. 243-244).

Como podemos explicar o fato que afirmações de Freud tenham caído na obscuridade a ponto de tantos psicanalistas, no passado, adotarem a concepção de que a heterossexualidade é o que emerge “naturalmente” da dissolução do complexo de Édipo? Em nenhum local, em seu trabalho, Freud sugere uma indicação de uma determinação de escolha de objeto “boa” ou uma menos “boa”. Todas as escolhas de objeto são o resultado de uma repressão que causa possível uma “restrição” (Freud 1920, p. 151) de ímpetos na direção de um só sexo. E ele afirma: “geralmente, empreender a tarefa de converter um homossexual completamente desenvolvido em um heterossexual, não oferece perspectivas muito melhores de sucesso que o reverso” (ibid.).

No pensamento de Freud, o termo “bissexualidade” designa não somente o desejo, mas, também, as identificações cruzadas do indivíduo. “A literatura da homossexualidade geralmente falha em distinguir, claramente, entre as questões de escolha de um objeto por um lado e das características sexuais e da atitude sexual do sujeito pelo outro, como se a resposta à primeira necessariamente envolvesse as respostas às últimas. A experiência, entretanto, prova o contrário: um homem com características masculinas predominantes, e também masculino em sua vida erótica, pode ainda ser invertido em relação ao seu objeto, amando somente homens ao invés de mulheres. De um homem em cujo caráter predominem obviamente atributos femininos e que pode comportar-se de fato no amor como uma mulher, talvez espere-se, pelas suas atitudes femininas, que escolha um homem para ser seu objeto de amor; mas ele pode, todavia, ser heterossexual e não mostrar nenhuma outra inversão a respeito de seu objeto, como qualquer outro homem normal. O mesmo é verdade para mulheres: aqui também, o caráter sexual mental e a escolha de objeto não necessariamente coincidem. O mistério da homossexualidade, portanto, não é de maneira alguma tão simples quanto comumente se retrata nas expressões populares: uma mente feminina, feita, assim, para amar um homem, mas, infelizmente, presa em um corpo masculino; uma mente masculina, irresistivelmente atraída por mulheres, mas, que pena - presa num corpo feminino” (Freud, 1920, p. 170). A pesquisa mais recente aponta nessa direção e questiona a coincidência entre identidade sexual e os determinantes da escolha de objeto (Burch 1993; Philips 2003).

Sexualidade Genital

Preconceitos (não somente) em psicanalistas acerca da possível qualidade das relações homossexuais eram baseados na noção de *genitalidade*. A experiência homossexual era para ser *pregenital*, não *genital*. Mas ninguém explicou porque seria assim.

O que queremos dizer por “sexualidade genital”? Será isso: a genitália masculina e a genitália feminina se unem para ter a experiência de um orgasmo num relacionamento sexual? É uma questão de experienciar o orgasmo durante o ato sexual? Ou: ainda pode ser chamado de “sexualidade genital” quando só um dos parceiros tem a experiência da satisfação? Ou, por fim, pode-se considerar que existe sexualidade genital quando as fantasias acompanhando o sexo têm um aspecto “genital”? Se acima de tudo são as fantasias que importam para a definição, então os atos sexuais reais em que há a união completa de pênis e vagina seriam menos importantes para defini-la. Além disso, os atos podem ser “pré-genitais” (exemplo: beijar, acariciar, *cunnilingus*, *fellatio*), mas baseados em fantasias genitais (de uma relação genital “completa”).

Além disso, nós acreditamos que é uma questão de sexualidade genital quando, falando genericamente, os dois parceiros têm a experiência de um orgasmo – simultaneamente! – através do ato sexual genital (penetração) com fantasias centradas na genitalidade? Seria uma questão de um relacionamento sexual que, na forte experiência clínica da psicanálise e na experiência própria da vida, uma regra realmente excepcional. O mero fato de um ato homossexual não consistir na união genital no sentido da introdução do pênis na vagina prova que ele não seja uma questão de sexualidade genital?

Freud definiu o amor bem sucedido como o encontro da corrente “afetiva” com a corrente “sensual” e seria difícil pensar que os homossexuais estejam excluídos dessa experiência.

Depois de Freud: “Homossexualidades”

A cultura entrou num estado de constante revisão da tradição e dos estilos de vida e, como resultado, eles se tornaram reflexivos. Narrativas têm se tornado mais abertas e variáveis e as atitudes correspondentes a elas também. Essa permissividade pode encorajar a suspensão de certas repressões, nesse caso dos

desejos com orientação bissexual, levando a escolhas objetivas heterossexuais assim como homossexuais. Se o complexo de Édipo, como o psicanalista francês Laplanche, por exemplo, sugere, for compreendido como uma narrativa cultural, universal e prevalente que dura por um certo tempo para organizar a nossa vida de fantasia e estruturar o inconsciente, então, nós temos de levar em consideração o fato de que “mentalidades são formas de compromisso entre as exigências da pulsão e a necessidade cultural” (Kahn 2004, p. 213). Essas necessidades culturais são sujeitas a grandes mudanças. Numerosos autores contemporâneos preferem falar, atualmente, não em “homossexualidade”, mas em homossexualidades, assim, enfatizando que as suas características estão longe de serem uniformes e unívocas.

Conhecer a orientação sexual de uma pessoa não nos diz nada sobre sua saúde ou sua maturidade psíquica, nem sobre seu caráter, seus conflitos internos ou sua integridade. [Roughton 1999, p. 1291]

Seguindo a lógica Freudiana, a determinação da escolha do objeto heterossexual é o resultado da repressão dos impulsos homossexuais, uma repressão que foi por muito tempo necessária para assegurar a continuidade da raça humana, que depende da união heterossexual. Pode-se supor que a crescente divisão entre sexualidade e procriação requer menos repressão. Logicamente, veríamos mais orientações bissexuais, pois, como observou Freud, “a combinação de todos os instintos componentes para a escolha de um objeto, sob a supremacia dos genitais, age em favor da reprodução” (1913, p. 321).

Homoparentalidade

É bem conhecido, no mundo de hoje, que reprodução não requer mais o ato sexual, e que o ato sexual pode ser dissociado de reprodução de uma maneira como nunca antes. Pode-se chamar esse fenômeno de “segundo nascimento cultural” da sexualidade, um nascimento que se pode pensar em termos de sexualidade “pura”: isto é, sexualidade exclusivamente para a procura de prazer.

Novas técnicas de reprodução tornam possível uma distância cada vez maior entre reprodução e relacionamento sexual real. Como resultado, homens e mulheres não precisam inevitavelmente se encontrar, nem os pais e as crianças. Como o trabalho estatístico realizado em anos recentes mostra (embora seja necessário apenas observar o que está acontecendo ao redor), os pais biológicos de tempos passados estão sendo cada vez mais substituídos por pais sociais –

notavelmente em famílias reconstruídas. Nesse pano de fundo de realidade social, onde quase a metade das crianças vivem com um único progenitor ou com um casal reconstruído, a questão da paternidade de casais do mesmo sexo se colocaria mais cedo ou mais tarde.

À primeira vista, um psicanalista não pode deixar de se surpreender com as conclusões de pesquisas realizadas sobre crianças crescendo com "*pais do mesmo sexo*": *nenhuma das pesquisas pôde evidenciar qualquer efeito específico na orientação psíquica e/ou orientação sexual* dessas crianças. Do ponto de vista psicanalítico, as seguintes perguntas podem ser feitas: em tal situação, como uma criança constrói uma representação de dois sexos diferentes, da cena primária e de sua identidade sexual?

“Homoparentalidade” é um termo geral que descreve várias situações familiares em que as crianças são educadas por pais do mesmo sexo e nas quais a procriação, os laços matrimoniais e a dimensão parental não se sobrepõem. Os quatro tipos de homoparentalidade são os seguintes: um casal homossexual com uma criança nascida de uma relação heterossexual prévia, adoção, recurso à procriação medicamente assistida e co-parentalidade³. Em algumas sociedades ocidentais, a legislação evoluiu significativamente em favor dos homossexuais, em particular no que se refere à possibilidade de se casar, de adotar crianças e de ter acesso à procriação medicamente assistida; há ainda, no entanto, uma oposição considerável quanto ao apoio que a lei concede a estas várias formas de homoparentalidade. Uma das principais hesitações diz respeito ao que se tornam as crianças que são criadas em tal contexto familiar - e até mesmo o impacto de tal situação sobre a sociedade como um todo: "Homoparentalidade, mesmo que em alguns casos conduza ao bem estar tanto da criança como dos pais, não corresponde ao funcionamento simbólico da sociedade." [Schneider, 2005, p. 257].

Essa inquietação surge da suposta necessidade de se ter um pai e uma mãe, cada um deles heterossexual, para que uma criança se desenvolva de forma satisfatória, presumindo-se que existe diferenciação sexual clara e "boas" disposições sexuais em cada membro do casal procriador. As famílias monoparentais (geralmente mãe e filho) suscitam menos inquietação, provavelmente porque se presume de maneira natural que a mãe seja heterossexual e, portanto, tem bases sólidas na ordem

³ Co-parentalidade é uma situação em que um homem e uma mulher homossexuais têm um filho juntos, de seus próprios espermatozoides e óvulos (por relação sexual ou inseminação “doméstica” ou medicamente assistida); a criança é educada em guarda compartilhada.

simbólica. Dito isso, em seu estudo comparativo de mulheres heterossexuais e homossexuais educando crianças sozinhas, MacCallum e Golombok (2004) fizeram uso do Children’s Sex Role Inventory de Crianças para avaliar a orientação do papel sexual dessas crianças em relação a duas subescalas, uma envolvendo masculinidade, e a outra feminilidade. Esse estudo não encontrou evidências de nenhuma diferença entre crianças criadas em vários tipos de situações familiares. (Conclusões semelhantes foram alcançadas por Crowl et al., 2008 e por Allan & Murrell, 1996).

Implícita nas preocupações que as pessoas têm com as crianças educadas por pais do mesmo sexo está a ideia de que o simples fato de ser heterossexual implica no reconhecimento da alteridade do outro sexo e da diferença entre os sexos – mas de onde vem essa ideia? A experiência clínica não embasa tal afirmação e, muitos psicanalistas que trabalharam em contextos semelhantes adotam uma perspectiva completamente diferente. Nancy Chodorow é uma dessas; ela diz: “Sexualidade é um elemento que pertence a cada indivíduo e é composta de muitos aspectos; [...] Clinicamente falando, cada pessoa tem sua própria sexualidade, individualizada de maneira muito pessoal.” (2003, pp. 41-42). Pode ser destacado de passagem que, para Freud, a heterossexualidade era tão enigmática quanto a homossexualidade.

Resultados de pesquisa

Duas meta-análises muito importantes estudaram pesquisas realizadas por mais de 35 anos nesse campo. Não houve diferença significativa em relação a crianças criadas por pais heterossexuais em relação a vários fatores: qualidade da relação genitor-criança, desenvolvimento cognitivo, saúde mental, desenvolvimento psicossocial, identidade sexual e orientação sexual. Esses estudos foram baseados em uma ampla gama de paradigmas psicológicos: cognitivo-comportamental, desenvolvimental, psicodinâmico e psicanalítico. (Mikolajczak & Baruffol, 2010; Vecho & Schneider, 2005; e.g. Feld-Elzon, 2010; Moget, 2010; Naziri, 2010; Drexler, 2006; Vecho & Schneider, 2005; Tasker & Golombok, 1991; Huggins, 1989; Kirkpatrick et al., 1981.).

Mais de 330 artigos sobre o tema "homoparentalidade" publicados em revisões científicas foram analisados por Vecho e Schneider (2005). A conclusão é perfeitamente clara: essas crianças não estão em situação melhor ou pior do que aquelas criadas em um ambiente familiar tradicional.

Entretanto seria um erro concluir que não existe nenhuma diferença entre filhos de homossexuais e de heterossexuais. É importante, entretanto, enfatizar desde o início que a diferença não implica déficit ou deficiência. Uma dessas diferenças foi destacada por Stacey e Biblarz (2001): Quando eles examinaram os dados de 21 estudos sobre homoparentalidade realizados desde 1980, verificaram que as crianças criadas por pais do mesmo sexo mostraram mais empatia em relação a diversidade social, eram menos inclinados a adotar estereótipos de gêneros, e tendiam a explorar mais a atividade homossexual.

Há um tópico que frequentemente é levantado com alguma inquietação: que as crianças criadas por homossexuais correm o “risco” de se tornarem homossexuais. Quando a ideia de “risco” é sugerida, a implicação é que é “melhor” não ser homossexual - mas esta não é uma questão científica; é baseada em um julgamento de valor implícito. A este respeito, pode-se também salientar que a grande maioria dos homossexuais são criados por pais heterossexuais; contudo este fato em si, obviamente, não os impediu de ter uma orientação sexual diferente da dos pais. Em qualquer caso, não há provas estatísticas de que crianças criadas por homossexuais tenham maior tendência a se tornarem homossexuais do que crianças criadas por heterossexuais. (Golombok & Tasker 1996; Higgins 1989.).

De onde, então, a orientação sexual dessas crianças vem? O debate acerca da questão das disposições sexuais em crianças criadas por pais do mesmo sexo dá um novo ímpeto a outra questão – o da origem da homossexualidade e, implicitamente, o da heterossexualidade. Voltaremos a este ponto mais tarde.

Pesquisa psicanalítica sobre o desenvolvimento psicossocial de crianças criadas por pais do mesmo sexo

Estudos clínicos de inspiração psicanalítica também foram realizados. Eles são mais recentes que os inquéritos quantitativos. A base do conhecimento vem de terapias ou de entrevistas clínicas no contexto de projetos de pesquisa. (Corbett 2003; Drexler 2006; Ehrensaft 2000; Ducouso 2004, Feld-Elzon 2010, Moget 2010, Naziri 2010.).

No projeto de pesquisa do qual a autora deste texto é coordenadora nós estamos focando as seguintes questões:

- No que diz respeito ao processo de tornar-se pai e mãe, as coisas no plano psicológico são necessariamente diferentes para um casal homossexual?
- Do ponto de vista psicológico, como se pode prever o desenvolvimento da criança?
- Que tipo de visão podemos formar da maneira pela qual uma criança criada por dois pais do mesmo sexo se desenvolve?
- Como essas crianças constroem uma representação da concepção de como eles mesmos foram concebidos de seus próprios dois progenitores?
- Como eles constroem seus conhecimentos e aceitação das diferenças entre os sexos?
- Como eles descobrem, por si próprios, sua própria identidade sexual e sua subsequente orientação sexual?
- Há características específicas evidenciadas em crianças criadas em famílias do mesmo sexo, em comparação com aquelas que são criadas em um ambiente familiar mais tradicional?

Algumas reflexões clínicas e metapsicológicas

O fato de ambos os pais da criança serem do mesmo sexo não impede, por si só, que as crianças construam a “triangulação”. Em outras palavras, essas crianças percebem que não estão sozinhas no mundo com a mãe num relacionamento fusional diádico, mas que há outras pessoas que desempenham um papel de “terceiro”. A diferenciação se torna ativa assim que dois adultos entram em relação um com o outro, seja essa relação real ou fantasiada. No entanto, a triangulação não implica, como tal, qualquer reconhecimento da existência de dois sexos diferentes. Portanto, há uma questão preliminar: Em um casal composto de duas mulheres, por exemplo, como é criado um espaço psíquico que contém os pais, a criança e o doador? Que tipo de explicação é dada à criança em relação à sua existência: o fruto de um desejo compartilhado por duas pessoas do mesmo sexo -

o casal parental - que, no entanto, precisavam de um terceiro do sexo oposto para que a concepção pudesse ter lugar ?

As identificações bissexuais e a disposição dos seres humanos vêm claramente à tona quando a ideia de ter um filho toma a forma de um projeto real: duas mulheres ou dois homens oscilam entre pólos "paternal" e "maternal" antes mesmo do projeto frutificar. Um casal constituído por duas pessoas do mesmo sexo é inevitavelmente confrontado com a necessidade de levar em conta o outro sexo: o homem, a dimensão masculina, a paternidade / mulher, a dimensão feminina, a maternidade. Para tomar o exemplo de um casal constituído por duas mulheres: um homem entra em sua vida através da representação que essas mulheres têm ou criam dele, seja o homem em questão um amigo que está pronto para dar o seu esperma no contexto da procriação assistida ou um doador anônimo que de outra forma nada tem a ver com sua vida cotidiana.

Recorrer a um homem requer um grande reposicionamento psíquico na dinâmica do relacionamento entre duas mulheres. De um modo um pouco inesperado, recorrer a um doador reintroduz o terceiro e atua como um revelador da diferença entre os sexos através do fato de trazer um novo elemento masculino para a cena psíquica. Essa figura masculina obriga a dupla envolvida a se reposicionar em sua estratégia de constituir-se como casal parental, limitando qualquer possibilidade de fantasias onipotentes, isto é, que elas por si mesmas foram capazes de conceber uma criança sem a participação de um homem.

No caso de um casal de mulheres, o trabalho psíquico necessário e inevitável e que tem de ser realizado antes de qualquer projeto de ter um filho, prepara as mulheres não só para a concepção, mas também para os questionamentos que seu filho mais tarde lhes fará sobre suas origens, seu pai e o elemento masculino. Quando duas parceiras começam sua busca para um doador de esperma, descobrem que em muitos países têm um certo grau de escolha. Elas podem decidir sobre certos aspectos do doador - por exemplo a cor de sua pele - e isso significa que elas têm que construir uma representação inicial dele. Essa representação servirá de base para o que elas serão capazes de dizer a seu filho sobre sua concepção e genitor quando estas questões surgirem mais tarde. Nas entrevistas que precedem a inseminação artificial, muitas vezes há o receio de que, sem anonimato, o doador possa mais tarde "reivindicar" a criança como sua - esta é uma indicação clara de

quão presente a figura masculina está nas representações construídas pelas duas mulheres dentro de seu relacionamento como um casal.

De qualquer forma, o estresse físico e o sofrimento criados pelo tratamento complicado associado à reprodução assistida contribuem para o colapso de qualquer possível fantasia de ser capaz de gerar uma criança por si só. Seguramente a triangulação baseada na diferença entre os sexos está envolvida desde o início na dinâmica da homoparentalidade feminina.

Isso nos leva a considerar as questões que podem surgir na mente de cada criança a respeito de suas origens. Antigamente, pais ansiosos recorriam a rodeios metafóricos que os permitiam tangenciar temas que envolvessem reprodução e suas relações sexuais propriamente ditas - daí as histórias de meninas nascerem de rosas, meninos se originarem de repolhos, bebês sendo trazidos de cegonhas etc. Metáforas são usadas com o intuito de contar uma "estória". Essas histórias ou "romances familiares" (Freud, 1909c), são alguns dos aspectos da psicodinâmica da família, de sua vida representacional e de fantasia.

Freud relatou que crianças frequentemente imaginam seus pais como impostores, e cultivam a fantasia de que nasceram de uma linhagem nobre, ou, pelo menos, de um casal considerado mais ideal do que os próprios. Mas narrações repetidas de eventos significativos dentro de uma família também criam versões romanceadas da realidade: "romances familiares" - por exemplo, as várias descrições do nascimento de uma criança, mais ou menos próximas da realidade e passíveis de múltiplos significados - são também contados por pais e filhos como uma forma de aumentar os laços entre ambos. Crianças frequentemente pedem que essas histórias sobre suas origens e nascimentos sejam contadas repetidas vezes, ao mesmo tempo em que lutam para conseguir compreender as ideias de reprodução, sexualidade parental e da criação de uma família. Como é bem sabido, tais questões possuem um papel preponderante na individualização e no sentimento de pertencimento. A família é o lugar onde as crianças escutam sobre suas origens pela primeira vez.

Com a chegada das técnicas para regular e assessorar a procriação e a conseqüente desconexão entre procriação e sexualidade, as modalidades de configuração familiar tornaram-se mais diversificadas, de forma que uma determinada criança não é mais necessariamente o produto da relação sexual de seus pais. Em tal contexto, cada arranjo familiar não-tradicional - famílias monoparentais,

reconstituídas, homoparentais, aquelas que recorreram a doadores de sêmen ou óvulos devido à esterilidade de um dos parceiros - precisa lidar com essas questões a respeito das origens da criança à sua maneira. Crianças de pais homossexuais não são, pois, as únicas que precisam se esforçar mais para tentar entender e integrar a situação, quando comparadas com crianças que crescem num arranjo familiar tradicional. O “terceiro”, um elemento necessário na concepção da criança, será incluído nesses “romances”. Se essa pessoa não for reconhecida ou identificada pelo menos verbalmente, se não houver lugar para a atribuição do papel dessa pessoa, pelo menos psicologicamente, um elemento do quebra-cabeça a respeito das origens da criança estaria faltando.

Quando crianças com pais de mesmo sexo perguntam a eles de onde elas vieram, como foram geradas, o que seus pais podem dizer a ela? No nosso programa de pesquisa clínica, descobrimos que casais homoafetivos contam à criança a verdade sobre como ela foi concebida: através de um doador ou de uma barriga de aluguel. Se dois cuidadores do mesmo sexo afirmassem ser os únicos envolvidos na concepção e nascimento de seu filho, isso não indicaria um problema específico na parentalidade homoafetiva, mas sim uma forma psicótica de funcionamento, porque o que é dito à criança é produto de um sistema delirante no qual a realidade de sua origem é simplesmente negada e deixada de lado. De qualquer forma, como todas as crianças vivem em um mundo nas quais estão constantemente conhecendo homens e mulheres, elas rapidamente iriam perceber que seus pais teriam mentido para elas.

“Cenas Primárias”

De acordo com Freud, a cena primária, que é a primeira ideia que a criança tem sobre sua concepção e sobre a diferença dos sexos, é construída baseada em algo que elas observaram em relação ao relacionamento sexual dos pais. Sabemos, entretanto, que mesmo sem qualquer observação direta, crianças constroem alguma ideia, baseadas em outras coisas que elas presenciaram, sobre relações sexuais e a ligação entre essas coisas e o nascimento de crianças. A construção do indivíduo como sujeito e da mente requer que a diferença entre os sexos e entre gerações seja aceita; isso permite que o indivíduo possua sua própria identidade sexual e que integre a proibição contra o incesto. Existe, portanto, uma relação óbvia entre as realidades da vida humana (a noção de pertencer ou de ter um sexo em particular,

uma idade, qualidade dos relacionamentos) e a organização das fantasias que tenham a ver com a sexualidade e com a própria origem.

Consequentemente a questão poderia ser colocada: como uma criança proveniente de um casal homoafetivo pode construir uma cena primária? Uma série de observações (de animais, por exemplo, ou vendo televisão) e de significantes permitirão à criança entender do que se tratam a sexualidade, a concepção e a reprodução. A construção da cena primária implica na identificação de um casal parental fértil, isto é, heterossexual. Uma criança proveniente de um casal homoafetivo composto por duas mulheres pode ter duas cenas primárias: por um lado, a cena primária de sua concepção, o encontro fertilizador entre sua mãe biológica e o doador; o momento instaurador do romance familiar e, por outro lado, outra cena, o produto de uma fantasia processando a excitação desencadeada por um casal erótico composto por duas mães. De acordo com tal hipótese, a criança será capaz de diferenciar entre sua representação interna do casal como objeto, necessária para a estruturação da mente, e da percepção do casal parental no tempo presente. Talvez também se possa afirmar que o esforço considerável que esses pais colocam em ter uma criança terá um forte impacto formativo em seu filho. Isso pode originar um novo tipo de fantasia de cena primária: ser filho do amor; adotado ou medicamente concebido.

Reconhecendo a Diferença entre os sexos

Construir e processar a cena primária está de mãos dadas com o reconhecimento da diferença entre os sexos e as identificações sexuais relacionadas a isso. Pode se dizer que um ambiente variado composto tanto de homens como de mulheres só pode ser benéfico para todas as crianças -- e, acima de tudo, para crianças filhas de casais homoafetivos. Experiência clínica e entrevistas conduzidas com fins de pesquisa mostram que a grande maioria de casais homossexuais tentam assegurar que seus filhos tenham “padrinhos” e “madrinhas”, com o objetivo preciso de oferecer-lhes referenciais em seu cotidiano com respeito à diferença entre os sexos. Esse aspecto é um elemento recorrente nos comentários de mães lésbicas que foram entrevistadas no decorrer do nosso projeto de pesquisa. Elas procuram facilitar a diferenciação de gênero e ter algum elemento masculino como parte de sua estrutura familiar.

No que diz respeito à diferença entre os sexos, estas crianças também terão pontos de referência em sua família imediata - avós, primos de ambos os sexos, tios, tias - e em outros ambientes, como creches e escolas. Além disso, desde uma idade muito precoce, histórias e contos de fadas farão parte da vida cotidiana de uma criança; na maioria dos casos, isso tem a ver com a vida de uma família tradicional nuclear ou reconstituída (por exemplo, contos de fadas com uma "madrasta perversa"). Além disso, todo o nosso ambiente está repleto de imagens de homens e mulheres; em jogos, livros infantis e, é claro, na televisão há inúmeras imagens da família nuclear e das relações entre os sexos.

As crianças criadas por casais homossexuais também poderão encontrar pontos de referência fora da dinâmica familiar. Mesmo que seu pai - ou mãe - não seja presente, é evidente que eles devem inevitavelmente lidar com questões envolvendo a diferença entre os sexos. Pode até sugerir-se que o parente ausente é paradoxalmente presente precisamente por causa da sua ausência: daí a criação de um papel paterno simbólico.

Qualquer que seja a estrutura familiar na realidade, as relações intersubjetivas são triangulares assim que a criança pode se diferenciar da mãe e entender que ela está em um relacionamento baseado em afeto com outra pessoa. No caso de um casal homossexual, essa "outra" pessoa não pertence ao sexo oposto. No entanto, a ligação entre o genitor e um terceiro é prova do fato de que nem a criança nem o pai são onipotentes. A alteridade e os processos de triangulação não estão, portanto, ausentes como resultado do simples fato de serem criados por pais do mesmo sexo; Isso, entretanto, levanta a questão do quadro edipiano em tais famílias - ou mais precisamente: a diferenciação sexual.

Como a sexualidade chega às crianças?

Os bebês recém-nascidos ainda não formaram uma ideia de sexualidade, mas eles têm necessidades: de serem alimentados, aquecidos, limpos, serem vistos, que as palavras lhes sejam dirigidas. Estas necessidades e sua satisfação serão rapidamente enriquecidas pelo prazer e pelo desejo; Além de satisfazer a fome, os tempos de alimentação se tornam um momento de bem-estar sensual, de comunicação e de prazer. Segundo Freud, mesmo as necessidades iniciais já são "sexuais", pois sua satisfação é acompanhada pela experiência de um prazer erótico, enquanto na psicanálise contemporânea (Laplanche 2006) podemos pensar

que são as atitudes dos adultos que "sexualizam" necessidades básicas do bebê – dirigidas à sobrevivência e ao apego: os adultos cuidam de seus bebês, certificando-se de que são alimentados, e também cuidam do corpo do bebê, o que inevitavelmente coloca em cena as fantasias inconscientes do adulto, trazidas de seu próprio desenvolvimento infantil psicosssexual. Essa psicosssexualidade, segundo Freud (1905d), não é nem homossexual nem heterossexual : é polimorfa e bissexual. A maneira pela qual o genitor - homossexual ou heterossexual - olha para a criança, "comprometida" como é por seu inconsciente - vai, sem perceber, "semear as sementes" das fantasias heterossexuais e homossexuais nos cenários vivenciados com o bebê. Estas são mensagens "enigmáticas" que a criança tentará "traduzir", isto é, entender à sua própria maneira. Desta forma, o que inicialmente era inocente - uma mama nutritiva - se torna um objeto que pega o bebê de surpresa. Nenhuma "tradução", ou seja, a reapropriação da mensagem, ocorre sem restos residuais - uma parte que não pode ser traduzida - para moldar o inconsciente da criança.

A psicosssexualidade infantil é marcada pela curiosidade em relação às origens, e isso produz fantasias sobre uma relação fértil heterossexual (parental). A sexualidade do adulto, seja ela hetero ou homossexual, é sempre influenciada por aquela dimensão infantil - isto é, pela potencialidade de "fazer tudo", pelo menos na fantasia. Portanto, é inevitável que o adulto "semeie as sementes" de um coito heterossexual fértil na mente da criança.

Conclusão

Do ponto de vista psicanalítico, não é de estranhar que no final o filho de um casal homoafetivo pareça ser capaz de diferenciar entre os sexos, não tenha a priori nenhum transtorno de identidade de gênero, e não pareça ser mais "pré-determinado" em relação à sua orientação sexual do que uma criança criada por pais heterossexuais.

Doravante, esses novos tipos de estrutura familiar nos exigem refinar nossas teorias sobre o desenvolvimento infantil. Em particular, no que se refere à parentalidade entre pessoas do mesmo sexo, somos obrigados mesmo a examinar novamente a relevância da teoria do complexo de Édipo em sua forma simples, como o próprio Freud achou necessário fazer (Freud, 1923b). Com base em nossas próprias descobertas de pesquisa relatadas até o momento, poderíamos argumentar que a flexibilidade psíquica que é típica dos seres humanos os ajuda a implementar

um cenário de fantasia que sustenta a estruturação de sua organização psíquica – desde que não sejam vítimas da estigmatização.

Bibliografia

Allen, M. & Murrell, N. (1996). Comparing the impact of homosexual and heterosexual parents on children: Meta-Analysis of existing research. *Journal of Homosexuality*, 22, n°2, 19-35.

Burch, B. (1993). Heterosexuality, bisexuality and lesbianism: rethinking psychoanalytic views of homosexuality. *Psychoanalytic Review*, 80, p. 83-99.

Chodorow, N. (2003). Les homosexualités comme formations de compromis: la complexité théorique et clinique d'une description et d'une compréhension des homosexualités. *Revue Française de Psychanalyse*, 67(1), 41-64.

Corbett, K. (2003). Le roman familial non traditionnel, *Revue Française de Psychanalyse*, 67, 197-218.

Crowl, A., Ahn, S. & Baker, J. (2008). A meta-analysis of developmental outcomes for children of same-sex and heterosexual parents. *Journal of GLBT Family Studies*, n° 4, 385-407.

Drexler, P. F. (2006). The new family tree: lesbian, gay parenting, boys, latency, oedipal conflicts, gender development, masculine identity. *Journal of infant, child & adolescent psychotherapy*, 5, 240-256.

Feld-Elzon, E. (2010). Homoparentalité - bisexualité - tiercéité. Impact du projet d'enfant et de l'IAD sur la bisexualité. *Revue Belge de Psychanalyse*, 56(1), 61-75.

Frankowski B. et al. (2004). Clinical Report: Guidance for the Clinician in Rendering Pediatric Care, Sexual Orientation and Adolescents, *Pediatrics*, Vol. 113, No. 6: 1827-1832.

Freud, S. (1905d). Three essays on the theory of sexuality. Standard Edition, 7: 1827-1832.

Freud, S. (1909c [1908]). "Family Romances". Standard Edition, 9: 235-241.

Freud, S. (1923b). The Ego and the Id. Standard Edition, 19: 1-66.

Freud, S. (1937). Analysis terminable and interminable. Standard Edition 23, 216-253.

Golombok, S. & Tasker, F. (1996). Do parents influence the sexual orientation of their children? Findings from a longitudinal study of lesbian families. *Development psychology*, 32 (1), 3-11.

Heenen-Wolff, S. (2011). Infantile bisexuality and the 'complete oedipal complex' : Freud views on heterosexuality and homosexuality. *The International Journal of Psychoanalysis*, vol. 92, no. 5, p. 1209-1220.

Huggins, S.L. (1989). A comparative study of self-esteem of adolescent children of divorced lesbian mothers and divorced and heterosexual mothers. *Journal of Homosexuality*, 18, 123-135.

Kirkpatrick, M., Smith, C. & Roy, R. (1981). Lesbian mothers and their children: A comparative survey. *American Journal of Orthopsychiatry*, 51, 545-551.

Kahn L. (2004). Fiction et vérité freudiennes. Entretiens avec Michel Enaudeau. Paris: Balland.

Kim, Y. S. & Leventhal B. (2011). Bullying and suicide. A review. *International Journal of Adolescent Medicine and Health*. Volume 20, Issue 2, 133-154.

Laplanche J. & Pontalis J. B. (1967). Vocabulaire de la psychanalyse. Paris: Presses Universitaires de France.

Laplanche J. (2006). Sexual: La sexualité élargie au sens freudien. Paris: Presses universitaires de France.

MacCallum, F. & Golombok, S. (2004). Children raised in fatherless families from infancy: a follow up of children of lesbian and single heterosexual mothers at early adolescence. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45 (8), 1407-1419.

Mikolajczak, M. & Baruffol, E. (2010). L'homoparentalité à l'épreuve des faits. In: Heenen-Wolff, S. ed. (2010). Homosexualités et stigmatisation (117-144). Nouvelle approche. PUF: Paris.

Moget, E. (2010). Homosexualité: recherche qualitative. In: Heenen-Wolff, Homosexualités et stigmatisation (145-173). Paris: PUF.

Naziri, D. (2010). Devenir mère au sein d'un couple homosexuel: la place du tiers. *Revue Belge de Psychanalyse*, 56 (1), 35-59.

Philipps, S. (2003). Homosexuality: coming out of the confusion. *IJP* (vol. 84), p. 1431-1450.

Roughton, R. (1999). La cure psychanalytique des homosexuels hommes et femmes. *Revue Française de la Psychanalyse*. Vol. 53, p. 1281 – 1301.

Schneider, M. (2005). Big Mother, psychopathologie de la vie politique (2nd edition). Paris: Odile Jacob.

Stacey, J. & Biblarz, T. (2001). (How) Does the sexual orientation of parents matter? *American Sociological Review*, 66, 159-183.

Tasker, F. & Golombok, S. (1991). Children raised by lesbian mothers: the empirical evidence. *Family Law*, 21, 184-187.

Vecho, O. & Schneider, B. (2005). Homoparentalité et développement de l'enfant: bilan de trente ans de publications. *La psychiatrie de l'enfant*, XLVIII (1), 271-328.

Waidzunus T. (2012). Young, Gay, and Suicidal: Dynamic Nominalism and the Process of Defining a Social Problem with Statistics. *Science, Technology & Human Values*, 37:199-225.